



Marcas de canteiro da Ponte da Veiga (Torno, Lousada): revisitação de uma estrutura pontística medieval

MANUEL NUNES¹

PAULO LEMOS²

¹ Arqueólogo. Câmara Municipal de Lousada.

² Arqueólogo. Araducta Arqueologia.

RESUMO

A Ponte da Veiga, em Lousada, é uma estrutura de atravessamento de um só arco, em cantaria, construída sobre o rio Sousa, nos finais da Baixa Idade Média, presumivelmente, na primeira metade do século XV. Objeto de estudo sumário em 2012, a ponte foi agora objeto de renovada investigação que faz uso de novos métodos e se acerca de mais elementos de comparação, para poder tecer renovadas considerações sobre as siglas de colocação que pontuam os elementos desta estrutura e que constituem um acervo importante e distintivo, quando toca ao seu enquadramento crono-cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Lousada; rio Sousa; Ponte da Veiga; marcas de canteiro; século XV.

ABSTRACT

The Veiga Bridge, in Lousada, is a single-arch, ashlar crossing structure built over the river Sousa in the late Middle Ages, presumably in the first half of the 15th century. Subject of a summary study in 2012, the bridge has now been the theme of renewed research using new methods and more elements of comparison. The aim was to add new considerations about the stonemasons' marks that punctuate the elements of this structure, and which establish an important and distinctive collection when it comes to its chrono-cultural framework.

KEYWORDS

Lousada; river Sousa; Veiga Bridge; stonemasons' marks; 15th century.

1. A Ponte da Veiga: localização e proteção

Localizada no concelho de Lousada, na freguesia de São Fins do Torno, numa zona de estreitamento do rio Sousa, sobre o qual lança o tabuleiro para unir os lugares da Cachada e do Rio ($8^{\circ}13'03.5''$ / $41^{\circ}17'57.9''$), a Ponte da Veiga é um monumento que, desde 1992, se encontra inventariado na Carta Arqueológica do Concelho de Lousada, gozando de proteção legal desde 1994 por via da sua inclusão no então Plano Diretor Municipal (PDM) (Presidência do Conselho de Ministros, 1994, p. 1657).

Em 1996, a ponte é alvo de inventariação por parte do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR) e, posteriormente, inserida no *Inventário do Património Arquitetónico* com o número de inventário 011305250010, entretanto atualizado para o número de inventário 00004879 (Serenó e Amaral, 1996).

Em março de 2010, no âmbito do alargamento da Rota do Românico a todos os municípios da NUTS III – Tâmega e Sousa, de 21 passam a 58 monumentos associados a esta rota, entre eles a Ponte da Veiga (Costa, 2021, p. 51).



Figura 1. Localização da Ponte da Veiga, freguesia do Torno, concelho de Lousada (Santos, 2023).

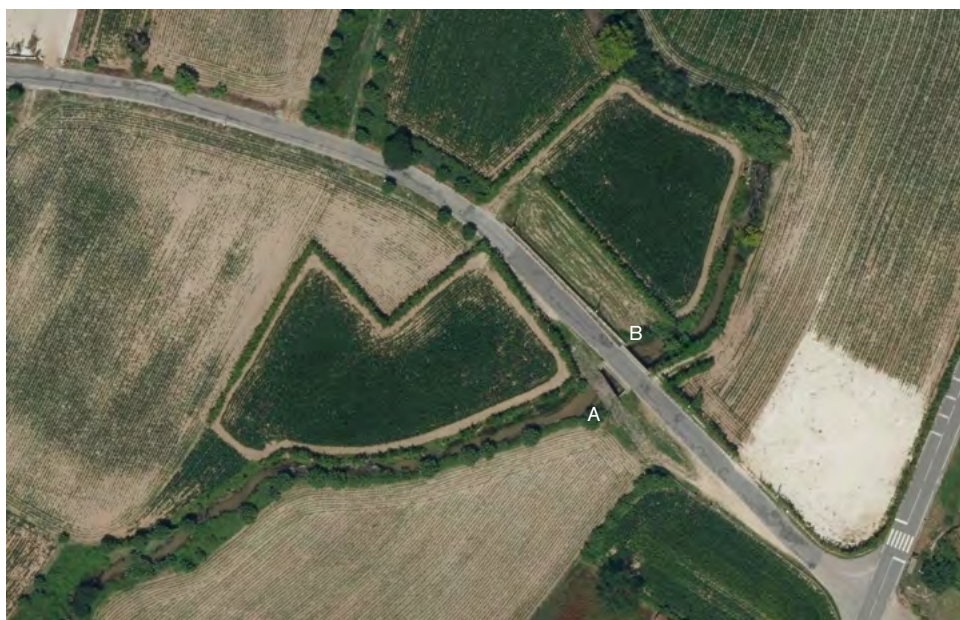


Figura 2. Ortofotomapa (voo de julho de 2021) com localização da Ponte da Veiga (A) e pontão rodoviário anexo (B) (CML, 2022).

Em 2008, na sequência da revisão do Plano Diretor Municipal de Lousada, é elaborada a nova Carta Arqueológica que mantém a ponte na lista de sítios de interesse patrimonial (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 214) e a inclui na Carta de Condicionantes e na Carta de Ordenamento do novo PDM (Município de Lousada, 2011a, p. 4371), definindo a sua área de proteção.

Em 2021, na sequência da classificação da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior, por deliberação da Assembleia Municipal de Lousada, de 18 de setembro de 2020, foi publicado o Regulamento da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior, onde consta a interdição de “destruição ou delapidação de bens culturais imóveis, incluindo todas as formas de património arqueológico, bem como a recolha de bens culturais móveis, mesmo se resultantes de descoberta fortuita” (Município de Lousada, 2011b, p. 312). Do processo participativo e de discussão pública fez parte o Resumo Técnico (Sousa, 2019, pp. 93-105) que integra todo o Património Arqueológico, Arquitetónico e Etnográfico identificado na área protegida, e, especificamente, a Ponte da Veiga, com o código de inventário TOR_3.

Atualmente, a Ponte da Veiga encontra-se vedada ao trânsito, devido à construção, a montante, ainda nos anos 80 do século XX, de um pontão em cimento.

2. Ponte da Veiga: enquadramento crono-cultural

O rio Sousa, tributário da bacia do Douro e elemento agregador da paisagem no território de Lousada, que atravessa de nordeste para sudoeste, é um curso de água que nasce “junto à Igreja de Moura entre o Mosteiro de Pombeiro, e o de Caramos, e daqui descendo a fertilizar todas as terras, a que vay dando nome por espaço, de oito leguas, vay acabar no Douro defronte do Lugar de Arnelas, duas leguas acima do Porto” (Castro, 1762, p. 140). Tratando-se de um rio de margens baixas, caudais anuais constantes e cheias lentas, as estruturas de atravessamento erigidas para o transpor são, na sua maioria, obras de modesta envergadura, sobretudo no troço superior, território onde se localiza o concelho de Lousada e onde o rio corre entre margens relativamente estreitas. A Ponte da Veiga, apesar da sua valia arquitetónica e cultural, é um desses exemplos.

De origem baixo medieval, foi construída sobre o rio Sousa, no percurso do caminho velho que da Senhora da Aparecida se dirigia para Unhão, interpondo-se entre o caminho medieval que ligava dois dos principais itinerários provenientes da cidade do Porto, designadamente a estrada de Guimarães e a estrada de Amarante (Alves, Pinho e Cardoso, 2021, p. 107; Nunes e Lemos, 2022c, p. 97). Ainda que a Ponte da Veiga possa ser considerada de importância secundária no quadro regional, uma vez que esta pequena travessia asseguraria “a ligação entre polos menores de povoamento, já que a estrada principal passava mais a norte, em Caramos (Felgueiras), a caminho da Lixa (Felgueiras) e de Amarante” (Resende, 2014, p. 420), tratar-se-ia, certamente, de um eixo vital para justificar tão avultado investimento quando em todo o troço do Sousa médio e superior “abundam as pontes baixas com padieiras de pedra com largura para

Figura 3. Aspeto do arco jusante da Ponte da Veiga na década de 30 do século XX (S.a. 1935, p. 448).





Figura 4. Ponte da Veiga vista de jusante (1962) (IHRU, 1962 *apud* Resende, 2014, p. 419).



Figura 5. Vista do tabuleiro e calçada da Ponte da Veiga na margem direita. (1962) (IHRU, 1962 *apud* Resende, 2014, p. 429).



Figura 6. Vista do tabuleiro e da calçada de acesso à ponte a partir da margem esquerda (1962) (IHRU, 1962 *apud* Resende, 2014, p. 429).

dar todo o transitio” (Almeida, 1836, pp. 131-134), menos onerosas e de mais simples execução. Com efeito, a Ponte da Veiga “pode considerar-se um caso paradigmático de uma travessia num plano de rede menor, dando expressão à circulação local e regional, fruto de necessidades mais prementes do que as de prover zonas de passagem seguras a peregrinos compostelenses, como se unicamente a estes se devesse a campanha de construções viárias na Idade Média” (Resende, 2014, p. 429).

Se a construção da ponte se fez por influência do Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras), uma vez que, até 1836, a freguesia de São Fins do Torno era pertença do termo do município de Unhão, à data, uma vigararia desse mosteiro (Costa, 1706, p. 127; Resende, 2014, p. 419), ou se, pelo contrário, é fruto de uma empreitada encabeçada pelos corregedores ou pelo concelho, como se tornou voga nos séculos XIV e XV (Pinto, 1992, pp. 51-52), não pode ser atestado sem outros suportes documentais. Ainda assim, resulta claro que, por toda a região do Vale do Sousa, a necessidade de ligar a multiplicidade de núcleos de povoamento estimulou a construção pontística, quer durante o período medievo quer durante a modernidade e até à contemporaneidade, já no século XIX, no quadro do Fontismo, muitas vezes replicando técnica e construtivamente os modelos medievais, como aconteceu com a ponte de Espindo (Meinedo, Lousada), uma estrutura de um só arco em volta perfeita, datada dos primórdios do século XVIII (Lemos e Nunes, 2013a, p. 189).

As primeiras referências conhecidas à Ponte da Veiga resultam da leitura das *Memória Ressuscitadas de 1726* e das *Memórias Paroquiais de 1758*. No primeiro caso, Francisco Craesbeeck, para além de descrever a ponte, alude à envolvente e, dessa forma, acaba por justificar a origem da sua designação: “Aqui perto, está a ponte da Veiga, com suas guardas ao redor, e ao pe della estão quatro Veigas, duas de cada banda [...]” (Craesbeeck, 1992, pp. 195-196).

Mais tarde, nas *Memórias Paroquiais*, na inquirição dedicada aos cursos de água, e em resposta à pergunta n.º 15 (“Se tem pontes de cantaria ou de pau, quantas e em que sítio?”), vários párocos de freguesias ribeirinhas do Sousa aludem à Ponte da Veiga, salientando o facto de se tratar da única ponte de cantaria com um arco. O pároco da freguesia de Alentém menciona que “tem mais assima hum coarto de legoa, a unica ponte de cantaria de hum arco, chamada da Veiga, na freguezia de Sanfins” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 294). O vigário da freguesia de Cernadelo refere existir “assima desta freiguezia aonde chamam a Ponte da Beiga, hua ponte de cantaria, que hé na freiguezia de Sanfins” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, p. 306). Em Meinedo, o memorialista alega ter o curso do rio Sousa “quatro pontes de cantaria, hua chamada ponte da Beiga, que fica quazi no principio, donde se ajuntam as fontes do seu nascimento” (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 316-317), e o pároco das freguesias do Torno e de Vilar do Torno, abade Francisco Jozeph de Souza Azevedo, aponta que a Ponte da Veiga é a “unica ponte de cantaria de hum arco” do rio Sousa (Capela, Matos e Borralheiro, 2009, pp. 331, 334).

Efetivamente, aos olhos dos memorialistas, a Ponte da Veiga evidenciava-se pelo facto de apresentar um conjunto de características construtivas distintivas, nomeadamente o aparelho em cantaria, isto é, em pedra lavrada com corte de esquadria, ao qual estava subjacente um significativo investimento financeiro, com recurso a mestres

pedreiros que dominassem tanto os materiais litológicos como a técnica construtiva. Este último aspeto, comprovado pela abundância de marcas de colocação (ou siglas), parece atestar, *per se*, a “medievalidade do objeto” (Carvalho, 2022, p. 114). Com efeito, as características da estrutura, com um só arco, de cantaria e com algumas fiadas pseudo-isódomas, com aduelas compridas e estreitas, ligeiramente quebrado, com pegões cegos e tabuleiro em ligeiro cavalete, atualmente sem guardas, mas com as lajes primitivas do pavimento (Serenó e Amaral, 1996; Lemos e Nunes, 2013b, p. 1), levaram a maioria dos autores a considerá-la de origem medieval, sem, no entanto, lhe apontar uma cronologia (Lanhas, 1971, p. 575; Pinto, 1992, pp. 51-52; Gomes e Arruela, 1996, p. 124; Serenó e Amaral, 1996; Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 214). A exceção coube a Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1995, ficha n.º 111), que considerou a Ponte da Veiga obra dos séculos XV ou XVI, sem excluir, no entanto, a possibilidade de poder “ser ainda medieval”¹, e a Nuno Resende (2014, p. 419), que propôs o seu enquadramento no final da Idade Média, na primeira metade da centúria de Quatrocentos.

Evidentes, por outro lado, são as intervenções sofridas pela ponte ao longo dos séculos. Durante a Época Moderna, a Ponte da Veiga deve ter recebido devidos restauros, assinalados por pedras de faceado e textura diversa nos paramentos, particularmente nas fiadas superiores (Serenó e Amaral, 1996; Resende, 2014, p. 429). Já no século XX, o trânsito de veículos, mas também a ação dos elementos, cobraram o seu preço na estrutura, levando a um paulatino abatimento do tabuleiro e à degradação do arco. As guardas, que até à década de 1960 ainda se mantinham na ponte, foram removidas e, nos inícios da década de 1990, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, no decurso do *Inventário da Terra de Sousa*, descreve-a “como um monumento em ruína lastimosa” tomado pela vegetação (1995, ficha n.º 111).

Em 1996, o IPPAR promove o *Inventário do Património Arquitectónico* e, nesse processo, Isabel Serenó e Paulo Amaral procedem ao levantamento da Ponte da Veiga. À data, os autores descreveram a ponte como sendo “de tabuleiro em cavalete com uma largura máxima de cerca de 3,7 m assente num único arco quebrado, de cantaria, com pegões cegos” (Serenó e Amaral, 1996). Sobre o seu estado de conservação, referem que “o terço superior do arco, do lado montante, na sua face externa, encontra-se arruinado”, acrescentando que “o seu piso encontra-se muito alterado, embora ainda conserve as lajes do seu pavimento” (Serenó e Amaral, 1996).

Em 1998, a Câmara Municipal de Lousada, através do Gabinete de Arqueologia e Património, inicia um processo de recuperação da ponte que, à data, de acordo a memória justificativa da obra, se apresentava “muito destruída”. Com efeito, “uma das fiadas do seu arco, a montante ruiu quase completamente, notando-se os efeitos das forças de descarga também na feira exterior do arco, a jusante, que começa a abrir ao nível da pedra de fecho” (CML, 2000, pp. 100-120). A obra é adjudicada em agosto de 2000 e

¹ A este propósito, o autor referia, na década de 1960, que “pelas dezenas de casos conhecidos, sem excepção alguma, parece que estaremos sempre diante de uma ponte medieval quando os seus arcos forem agudos” (Almeida, 1968, pp. 124-125).



Figura 7. Arco jusante da Ponte da Veiga (1996) (Serenho e Amaral, 1996).



Figura 8. Tabuleiro da Ponte da Veiga (1996), onde é perceptível a ausência das aduelas do arco montante (à esquerda no tabuleiro) (Serenho e Amaral, 1996).



Figura 9. Vista do arco jusante com a respetiva armação de suporte, em madeira, durante as obras de recuperação da Ponte da Veiga (CML, 2000, p. 115).

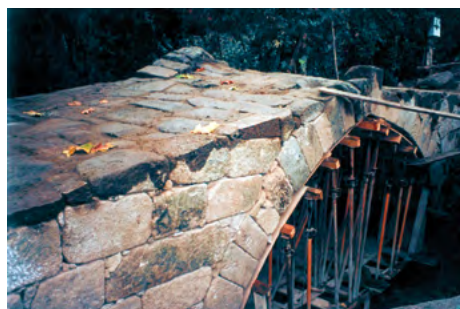


Figura 10. Aspeto do arco montante durante as obras de recuperação da Ponte da Veiga (CML, 2000, p. 115).

concluída em novembro de 2000 com o aspeto que hoje apresenta. O desmonte e posterior reconstrução, nomeadamente do arco montante, com a recuperação de pedras entretanto tombadas no leito, introduziu alterações à disposição dos silhares que compunham o arco, razão pela qual as imagens atuais dos alçados da ponte diferem daquelas anteriores à intervenção.

3. Metodologia de inventário

Os trabalhos realizados na Ponte da Veiga foram desenvolvidos entre maio e junho de 2023 e tiveram por base os dados coligidos pelos subscritores em 2012 (Lemos e Nunes, 2013b, pp.1-4), durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico, destinados a mitigar os impactos da execução do intercetor das águas residuais (Intercetor do Sousa e Boim – FD15). Todavia, limitações impostas pela disponibilidade de tempo e de meios, e ainda pela necessidade de execução dos trabalhos durante o pico do inverno, condicionaram algumas das ações de registo na ponte e, por essa via, eventuais interpretações. Volvida uma década, e agora que a ponte integra a Paisagem Protegida Local do Sousa Superior e, um pouco por todo o curso do rio Sousa, em Lousada,

se promovem ações de valorização ambiental e se procura potenciar o patrimonial arquitetónico em circuitos de interpretação da paisagem, entendeu-se estarem reunidas as condições técnicas e materiais para uma derradeira abordagem a este tema.

Previamente ao início dos trabalhos de levantamento das marcas existentes, procedeu-se à limpeza manual da vegetação herbácea e arbustiva existente no tabuleiro e arranques laterais da ponte. De igual modo, foram removidas algumas áreas de musgos e líquenes presentes, sobretudo na face externa dos silhares dos arcos. Os silhares do intradorso não foram objeto de qualquer intervenção, pelo facto de não evidenciarem elementos vegetais que obstassem ao seu registo.

O levantamento das marcas da Ponte da Veiga comportou dois procedimentos complementares.

Em primeiro lugar, procedeu-se à observação e registo, a olho nu, de todos os silhares da ponte, fazendo uso de diferentes níveis de exposição luminosa, nomeadamente de incidência rasante, tanto natural como artificial. Posteriormente, as observações foram registadas e individualizadas num esquema gráfico previamente elaborado, e que resultou do desenho, à escala 1/20, de todos os silhares que compunham o tabuleiro, os arranques laterais e a face externa dos arcos montante e jusante. Todas as marcas identificadas nestes elementos da ponte foram objeto de registo fotográfico e decalque direto em suporte de plástico transparente, de 0,30 mm, em policloreto de vinil, sobre o qual se utilizou um marcador. Os desenhos dos silhares e respetivas marcas gravadas foram, posteriormente, alvo de tratamento digital, com recurso ao programa CorelDRAW® Graphics Suite 2021.

Num segundo momento, e de modo a proceder ao estudo do intradorso, cujo acesso estava limitado pelo caudal do rio Sousa, pela reduzida luminosidade e pela elevada altura do arco, recorreu-se ao levantamento dos silhares com recurso à fotogrametria².

O estudo fotogramétrico da Ponte da Veiga assentou em três etapas:

- 1) Varrimento fotográfico de todos os silhares da ponte;
- 2) Processamento e edição das imagens em formato RAW, com vista à indução de maiores níveis de luminosidade;
- 3) Alinhamento digital de todas as fotografias, com o propósito de criar uma nuvem de pontos e, dessa forma, corporizar o modelo 3D da ponte, neste caso, com sombreamento virtual, de modo aumentar o nível de contraste da superfície dos silhares e realçar as eventuais siglas de pedreiro presentes.

O modelo obtido, incluindo as respetivas siglas, foi, posteriormente, objeto de vetorização digital, de modo a uniformizar os modelos gráficos da ponte.

Às siglas identificadas foi atribuído um número sequencial de inventário, por forma a possibilitar a individualização de cada uma delas, mesmo se inseridas nas respetivas tipologias.

² O hardware utilizado consistiu numa câmara DSLR Nikon D5300, com uma objetiva grande angular Sigma 10-20 mm F3.5.



Figura 11. Vista do arco jusante da Ponte da Veiga (2006).



Figura 12. Vista parcial do arco montante e tabuleiro da Ponte da Veiga (2006).

Figura 13. Perspetiva interior do intradorso e do arco jusante da Ponte da Veiga (2013).





Figura 14. Calçada e tabuleiro da Ponte da Veiga vistos a partir da margem direita (2012).



Figura 15. Tabuleiro e calçada da margem esquerda da Ponte da Veiga vistos a partir da fiada de fecho do arco (2012).

Após identificação e levantamento, todas as siglas foram tratadas e caracterizadas em fichas de registo individuais, numeradas de acordo com o acrónimo PV_2023 e respetiva numeração da sigla, contendo desenho, fotografia, dados métricos, suporte, estado de conservação, localização, tipologia e demais observações tidas como pertinentes.

Foi, ainda, elaborado um quadro geral de todas as marcas de canteiro identificadas, distribuídas de acordo com as respetivas tipologias.



Figura 16. Imagem ortofotogramétrica composta pelo arco montante e arranques laterais da Ponte da Veiga (2023) (João Teixeira Marques).

De modo a permitir a localização relativa das siglas nos diversos elementos da ponte, estabeleceu-se um sistema de numeração alfanumérico. No caso do tabuleiro e do intradorso, pelo facto de apresentarem uma organização linear e concentrarem um maior número de siglas ($n=75$; 90,36%), optou-se por uma localização tendo por base eixos de abcissas, com números, e ordenadas com letras. Esta indicação é antecedida pelo elemento da ponte em causa – T = Tabuleiro ou I = Intradorso – e ainda pelo número geral de ordenação da sigla no âmbito do inventário da ponte (ex.: 47_I_A22 = sigla n.º 47; intradorso; silhar A22)

Relativamente às siglas presentes nos arranques laterais e na face externa dos arcos, ao invés de um sistema de eixos, optou-se pela indicação da localização (AM/AJ = Arco Montante/Arco Jusante; ALM/ALJ = Arranque Lateral Montante/Arranque Lateral Jusante). No caso dos arcos é referida ainda a aduela (A = Aduela) em que se encontra a sigla, sendo a contagem feita da esquerda para a direita. Antecedendo os dados relativos à localização surge a numeração geral da sigla (ex.: 6_AM_A4 = Sigla n.º 6 / Arco Montante / Aduela 4).

O suporte de gravação das marcas foi sempre a rocha dominante na região, designada na cartografia da especialidade por granodiorito biotítico, porfiroide, com megacristais de feldspato potássico. Aí, o aflorante apresenta-se, excecionalmente, com poucos megacristais, o que confere à rocha uma textura homogénea, permitindo a obtenção de blocos regulares e de faces lisas, facto que é observado um pouco por toda a ponte³.

³ Agradecemos ao Dr. Hugo Novais o precioso contributo para a análise do material litológico da Ponte da Veiga.

4. Resultados e discussão

Desde longa data que a comunidade científica se consensualizou acerca da provável significação das marcas que se acham gravadas em muitos edifícios medievais de carácter religioso e militar, fazendo-as corresponder a siglas de canteiro destinadas a identificar o trabalho por eles realizado e necessário à sua contabilização e pagamento (Sousa, 1929, p. 48) e, até, eventual reclamação (Martim-Romo, 1993, p. 130). Por via dessa “interpretação comparada” (Charréu, 1995, p. 119), o estudo gliptográfico das pontes, pese embora a escassez de trabalhos desenvolvidos (Martins e Lopes, 2007; Lemos e Nunes, 2013b; Lopes, 2021; Sendas, 2020), determinou que as marcas que abundam nos silhares que estruturam o intradorso dos arcos das pontes erigidas até ao século XV possuem o mesmo enquadramento, resultando do predomínio da regra do trabalho pago à peça (Almeida, 1978, pp. 45-46). Tal não invalida, todavia, que algumas questões permaneçam em aberto. Leonardo Charréu (1995, p. 122) defende que as marcas identificadas como iconográficas, por se aproximarem de objetos identificáveis, são tão elaboradas que “não parece lógico que o canteiro, se efetivamente era pago à peça, perdesse tanto tempo no registo de uma sigla daquele tipo prejudicando irremediavelmente os seus ganhos. O facto de serem siglas identificadoras de uma corporação de canteiros é uma hipótese a considerar”.

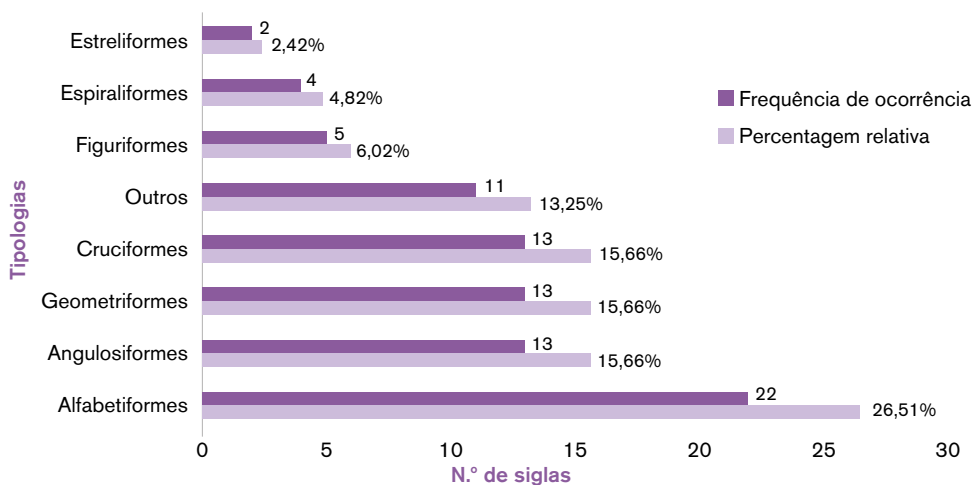


Gráfico 1. Frequência de ocorrência e percentagem relativa das tipologias de siglas identificadas na Ponte da Veiga.

Tendo por base nomenclaturas propostas por diversos investigadores em estudos de contextos pontísticos e outros (Charréu, 1997, pp. 134-135; Martins e Lopes, 2007, pp. 674-677; Silvério, 2017, pp. 1514-1515; Sendas, J., 2020, pp. 62-65; Lopes, 2021, pp. 163-169) definiram-se as seguintes tipologias de siglas:

- i) angulosiformes (marcas com formas angulosas resultantes da interceção de segmentos de reta formando ângulos);
- ii) alfabetiformes (letras e paraletas epigráficas ou correntes, podendo ou não encontrar-se invertidas);
- iii) estreliformes (motivos com múltiplos braços diagonalmente intercetados em forma estrelar);

- iv) cruciformes (cruzes latinas ou gregas e respetivas variações da sua forma primordial);
- v) geometríformes (marcas com formas geométricas ou subgeométricas);
- vi) espiralíformes (marcas com formas espiraladas tanto dextrogira como sinistrogira);
- vii) figuríformes (marcas que representam elementos naturais e/ou objetos representados simbolicamente);
- viii) outros (marcas com formas não tipificáveis).

O levantamento das marcas de canteiro na Ponte da Veiga permitiu atestar a existência de um padrão comum na técnica de gravação empregue, com todas as marcas apresentando uma lavragem por picotagem, através de percussão indireta, com recurso a instrumentos metálicos.

No total, foram arrolados 70 silhares com marcas. Destes, 58 apresentavam siglas simples, enquanto os restantes 12 ostentavam siglas associadas, nunca mais de três por pedra (11 silhares com duas siglas e um silhar com três siglas), a maioria situada no

Tipologias	Representação gráfica								Total
Alfabetíforme									
N.º de registos	4	1	3	1	4	6	2	1	22
Angulosíforme									
N.º de registos	8	2	1	1	1				13
Geometríforme									
N.º de registos	8	2	2	1					13
Crucíforme									
N.º de registos	6	3	2	2					13
Espiralíforme									
N.º de registos	2	1	1						4
Figuríforme									
N.º de registos	4	1							5
Estrelíforme									
N.º de registos	1	1							2
Outro									
N.º de registos	6	3	1	1					11
Total									83

Tabela 1. Tipificação e quantificação das siglas identificadas na Ponte da Veiga.

N.º de sigla	Desenho	Código de localização	Tipologia
1		1_ALJ	Alfabetiforme
2		2_AJ_A22	Cruciforme
3		3_AJ_A22	Geométriforme
4		4_AJ_A24	Cruciforme
5		5_AJ_A29	Angulosiforme
6		6_AM_A4	Figuriforme
7		7_AM_A10	Cruciforme
8		8_AM_A13	Espiraliforme
9		9_T_C47	Outro
10		10_T_C42	Alfabetiforme
11		11_T_A42	Alfabetiforme
12		12_T_D35	Alfabetiforme
13		13_T_C33	Alfabetiforme
14		14_T_D31	Outro
15		15_T_D30	Angulosiforme
16		16_T_B4	Alfabetiforme
17		17_I_A31	Cruciforme
18		18_I_B31	Cruciforme
19		19_I_D31	Cruciforme
20		20_I_D31	Angulosiforme

N.º de sigla	Desenho	Código de localização	Tipologia
21		21_I_D31	Alfabetiforme
22		22_I_F31	Cruciforme
23		23_I_D30	Angulosiforme
24		24_I_F30	Angulosiforme
25		25_I_A29	Angulosiforme
26		26_I_B29	Angulosiforme
27		27_I_B29	Geométriforme
28		28_I_C29	Espiraliforme
29		29_I_D29	Alfabetiforme
30		30_I_E29	Geométriforme
31		31_I_E29	Geométriforme
32		32_I_A28	Alfabetiforme
33		33_I_C28	Angulosiforme
34		34_I_C28	Alfabetiforme
35		35_I_A27	Alfabetiforme
36		36_I_B27	Alfabetiforme
37		37_I_D27	Geométriforme
38		38_I_B26	Alfabetiforme
39		39_I_D26	Cruciforme
40		40_I_E26	Espiraliforme

Tabela 2. Catálogo e localização das siglas identificadas na Ponte da Veiga.

N.º de sigla	Desenho	Código de localização	Tipologia
41		41_I_C24	Geométriforme
42		42_I_C24	Alfabetiforme
43		43_I_D24	Geométriforme
44		44_I_A23	Alfabetiforme
45		45_I_B23	Angulosiforme
46		46_I_B23	Espiraliforme
47		47_I_A22	Alfabetiforme
48		48_I_C22	Outro
49		49_I_D22	Outro
50		50_I_E22	Outro
51		51_I_A21	Outro
52		52_I_C21	Geométriforme
53		53_I_B20	Geométriforme
54		54_I_A11	Geométriforme
55		55_I_D11	Geométriforme
56		56_I_E11	Geométriforme
57		57_I_B10	Cruciforme
58		58_I_C10	Alfabetiforme
59		59_I_D10	Cruciforme
60		60_I_A9	Alfabetiforme
61		61_I_B8	Cruciforme
62		62_I_B8	Angulosiforme

N.º de sigla	Desenho	Código de localização	Tipologia
63		63_I_B7	Cruciforme
64		64_I_C7	Cruciforme
65		65_I_C7	Alfabetiforme
66		66_I_A6	Geométriforme
67		67_I_B6	Outro
68		68_I_C6	Outro
69		69_I_D6	Outro
70		70_I_E6	Outro
71		71_I_F6	Outro
72		72_I_D5	Estreliforme
73		73_I_E5	Estreliforme
74		74_I_B4	Figuriforme
75		75_I_C4	Figuriforme
76		76_I_D4	Angulosiforme
77		77_I_D4	Figuriforme
78		78_I_C3	Alfabetiforme
79		79_I_C3	Angulosiforme
80		80_I_D3	Alfabetiforme
81		81_I_D3	Angulosiforme
82		82_I_E3	Alfabetiforme
83		83_I_F1	Figuriforme

intradorso do arco (n=10). Assim, no conjunto dos elementos da ponte, foram identificadas 83 marcas, mais oito do que aquelas que haviam sido arroladas no primeiro trabalho desenvolvido no monumento pelos subscritores, em 2012 (Lemos e Nunes, 2013b, p. 2). Destas, oito foram registadas no tabuleiro, quatro na face externa das aduelas do arco jussante, uma no arranque lateral do corpo da ponte, na margem direita jussante, três na face externa das aduelas do arco montante e 67 no intradorso. Por outro lado, a construção, na década de 1980, a escassos metros a montante da Ponte da Veiga, de um pontão rodoviário, cujos apoios em betão a ela se encostaram, impede que as faces externas das primeiras fiadas do arranque dos arcos e ainda parte do arranque lateral da ponte sejam visíveis, permitindo supor que outras marcas, eventualmente ali presentes, se possam quedar ocultas. Do mesmo modo, o processo de reconstrução dos arcos da ponte, em 2000, após um longo processo de abandono, pode ter ditado a ocultação de algumas siglas, pelo que será prudente considerar como parcial o número total de marcas agora identificado. De resto, o facto de no intradorso, onde se regista o maior número de siglas, 11 fiadas apresentarem ausência de qualquer insculptura e a maioria delas (n=8) estar precisamente localizada no terço superior do arco, na zona da flecha, poderá traduzir essa assunção.



Figura 17. Pormenor de uma sigla alfabética (letra P) gravada no tabuleiro da Ponte da Veiga.

No conjunto das marcas estudadas, as mais abundantes são aquelas associadas a elementos alfabéticos (n=22; 26,51%), nomeadamente consoantes, como as letras F (n=3), C (n=4), M (n=4) e P (n=6). No caso desta tipologia de siglas, registaram-se alguns elementos invertidos em espelho, como acontece com a letra C, por vezes representada como $\complement$ (siglas n.ºs 32 e 44). As marcas alfabéticas vogais encontram-se escassamente representadas, apenas com duas siglas identificadas, correspondentes às letras E (65_I_C7) e I (1_ALJ).

Foram encontradas marcas alfabéticas em todos os elementos da ponte, com exceção do alçado montante (arranques

laterais e aduelas do arco). No tabuleiro, por exemplo, cinco das oito siglas detetadas são alfabéticas, sendo este o local onde ocorrem dois dos três registos da letra F, com ambas as marcas situadas no respetivo arranque de cada um dos lados do tabuleiro (12_T_D35; 16_T_B4). Ainda relativamente às siglas alfabéticas, verificou-se a sua ocorrência em associação em 54,55% (n=6) dos 11 silhares com duas ou mais marcas identificadas no intradorso. A maioria destas situações (n=4) acontece em coocorrência com marcas angulosiformes: silhar C31, siglas n.ºs 19, 20 e 21; silhar C28, siglas n.ºs 33 e 34; silhar C3, siglas n.ºs 78 e 79; silhar n.º D3, siglas n.ºs 80 e 81. Ainda que algumas destas marcas angulosiformes se aproximem de formas alfabéticas, não foi possível encontrar-lhes paralelo inequívoco no alfabeto medieval ou corrente. Por essa razão, e pese

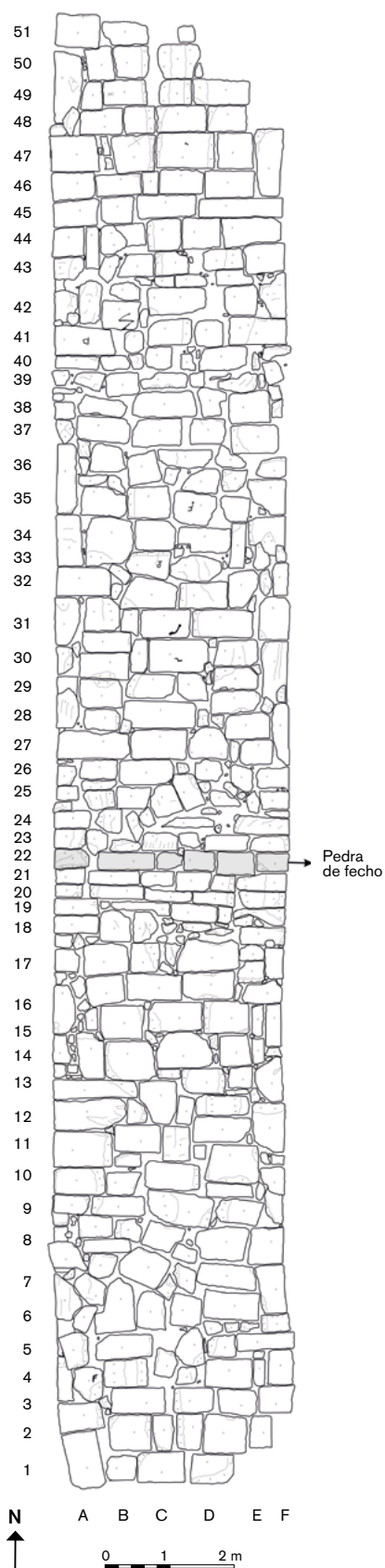


Figura 18. Representação gráfica da calçada e tabuleiro da Ponte da Veiga.

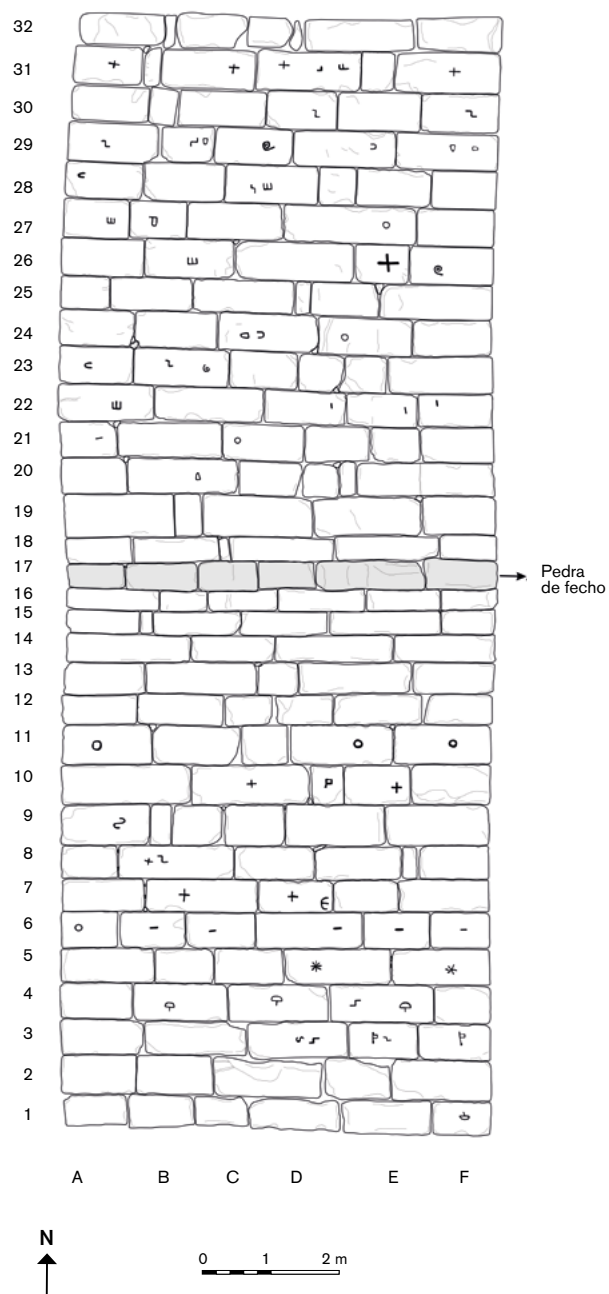


Figura 19. Representação gráfica do intradorso da Ponte da Veiga.

embora eventuais similitudes com outros alfabetos, como acontece com as siglas n.^{os} 33, 79 e 81, que Luís Seabra Lopes (2021, p. 165) considera poderem corresponder, respetivamente, às letras I e S, optámos por seguir a opção de José Sendas (2020, pp. 52-53), enquadrando-as nas marcas com forma angular.

As siglas angulosiformes são, de resto, a par das geometriformes e cruciformes, as mais abundantes no contexto das marcas da Ponte da Veiga, representando 15,66% (n=13) dos registos. Na maioria dos casos, consistem em gravações de motivos lineares, compostas por três semirretas que formam ângulos retos e obtusos. À exceção das siglas n.^{os} 5 (5_AJ_A29) e 15 (15_T_D30), situadas no arco jussante e no tabuleiro, respetivamente, as restantes marcas desta tipologia circunscrevem-se ao intradorso da ponte.

Entre as siglas mais representadas encontram-se, igualmente, as que afiguram formas cruciformes (n=13; 15,66%) e geometriformes (n=13; 15,66%). Enquanto as primeiras estão patentes em toda a ponte, exceto no tabuleiro, as segundas cingem-se maioritariamente ao intradorso, excetuando uma forma circular gravada na face de uma das aduelas do arco jussante (3_AJ_A22).

As marcas cruciformes são símbolos abundantemente gravados em todos os tipos de arquitetura civil, desde a Idade Média à Contemporaneidade, tanto em estruturas domésticas e civis como religiosas (Osório, 2014, p. 162). Embora na maioria dos casos surjam com significação mágico-religiosa, por vezes de carácter apotropaico ou ainda como elemento de sagração, estas cruces ou motivos cruciformes também foram amiúde utilizados como marcas de termos de lindagem, tornando-se elementos físicos de delimitação (Nunes e Lemos, 2021, p. 218). Neste contexto, porquanto seja verosímil considerar as siglas cruciformes empregues na edificação da Ponte da Veiga como meras opções gráficas, destinadas a firmar o trabalho de cada canteiro e, por isso, destituídas de eventuais significações mágico-religiosas, não devemos, na opinião de Andrea Martins e Gonçalo Lopes (2007, p. 674), deixar de considerar igualmente o “carácter simbólico, impresso a cada sigla ou marca”. Segundo estes autores, estas marcas, embora constituindo uma opção individual do canteiro, podem adquirir significados diversos, reflexo do quotidiano individual do gosto, do fantástico e do psicológico (Martins e Lopes, 2017, pp. 674-675).

Relativamente à tipologia de cruces e cruciformes presentes na Ponte da Veiga, foram individualizadas quatro formas distintas. Se a cruz grega (siglas n.^{os} 19, 39, 57, 59, 61 e 64), cruz de Cristo (siglas n.^{os} 4 e 7) e cruz latina (siglas n.^{os} 2 e 63) são registos abundantemente conhecidos em contextos gliptográficos (Charréu, 1995, pp. 121, 124-125; Silvério, 2017, p. 1521), já as suas variações, podendo não caber em nomenclaturas previamente tipificadas (Alarcão e Barroca, pp.131-132), carecem de renovada abordagem. Para o efeito socorremo-nos das tipologias definidas pelos signatários deste artigo para a região do Vale do Sousa nos trabalhos dedicados aos grafitos molinológicos (Nunes e Lemos, 2022b, pp. 5-6). Assim, considera-se que as restantes siglas do tipo cruciforme (n.^{os} 17, 18 e 22) se enquadram na tipologia C9, isto é, cruciforme invertido de raiz latina (tipo cruz de São Pedro).

De entre os grupos de siglas mais representativos, os motivos geometriformes revelam uma diversidade reduzida, com a prevalência dos motivos circulares ou paracir-

culares (n=8), detendo estes motivos a exclusividade das marcas gravadas em algumas das fiadas do intradorso (fiada 11). Quanto às marcas subtrapezoidais e subretangulares, apenas foram identificadas em duas fiadas do intradorso, ambas situadas na margem esquerda (fiadas 29 e 24), incluindo um silhar com associação de ambas (30_I_E29; 31_I_E29). Os motivos geométriformes subtriangulares cingem-se a um único exemplar (53_I_B20), com a configuração de um triângulo de base invertida.

Os derradeiros motivos tipificados durante os trabalhos desenvolvidos na Ponte da Veiga correspondem aos figuriformes (n=5; 6,02%), espiraliformes (n=4; 4,82%) e estreli-formes (n=2; 2,42%).

No contexto dos motivos figuriformes, foram arroladas duas formas (siglas n.^{os} 6, 74, 75 e 77). A primeira marca pode ser enquadrada na esfera militar e remete, na essência, para o arco e braço de uma besta com paralelos noutros contextos pontísticos (Lopes, 2021, p. 167). Para a segunda marca, que revela o mesmo motivo, mas invertido (sigla n.º 83), não foram identificados paralelos. Será de realçar que todos os motivos figuriformes tipo besta aparecem numa única fiada do intradorso do arco (fiada 4), na margem esquerda, prolongando-se para a face da mesma aduela do arco montante.

Quanto às siglas do tipo espiraliforme, organizadas neste inventário de acordo com a sua orientação (à esquerda, ao centro ou à direita), são exclusivas dos silhares da

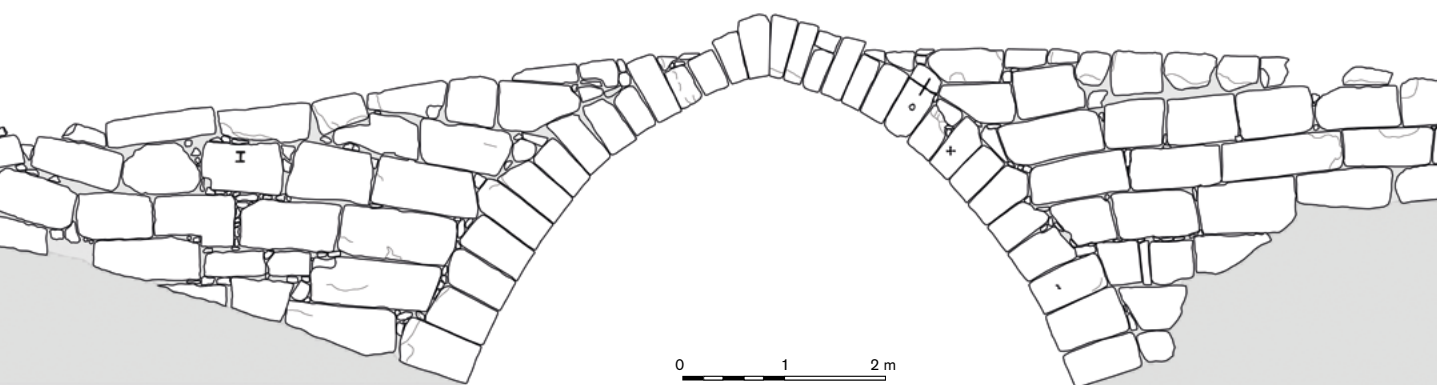


Figura 20. Representação gráfica do alçado jusante da Ponte da Veiga.

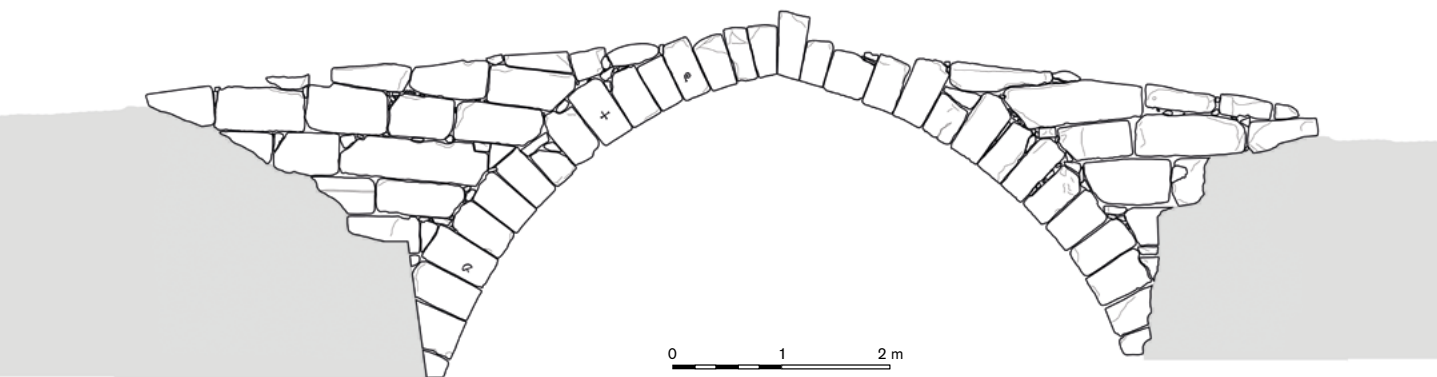


Figura 21. Representação gráfica do alçado montante da Ponte da Veiga.



Figura 23a e 23b. Conjunto de siglas das fiadas 1 a 7 do intradorso (margem esquerda/sudeste). Imagem orto-fotogramétrica e respetiva composição 3D (João Teixeira Marques).



Figura 24. Pormenor do arco montante da Ponte da Veiga com a presença de marcas de colocação espiraliforme e cruciforme.

margem direita do intradorso, todos eles *in situ*. O mesmo não se poderá dizer da sigla espiral com o n.º 8, localizada na face da aduela do arco montante, uma vez que o colapso do terço superior do arco e a sua posterior reposição terá sido realizada à margem de um estudo prévio das siglas existentes na parte da estrutura que se manteve intacta, pelo que parece plausível que a referida sigla, agora na margem esquerda, efetivamente, estaria localizada na aduela do arco correspondente à fiada 23, onde terminam todas as siglas desta tipologia no intradorso.

No que respeita aos motivos estreliformes, e que se encontram circunscritos a silhares situados na mesma fiada do intradorso, no arranque do arco na margem esquerda (72_I_D5; 73_I_E5), a sua forma em estrela tem por base o elemento asterístico, em uso na escrita medieval como símbolo de omissão (Bringham, 2008, p. 303), mas cuja origem procede do grego, cuja designação arcaica ἀστερίσκος significa pequena estrela (Liddel e Scoot, 1901, p. 235).

Uma derradeira nota para os motivos cujas formas não foi possível tipificar (n=11; 13,25%). De entre as marcas deste conjunto sobressaem, pelo número e simplicidade, as siglas tipo “traço”, isto é, pequenos segmentos de reta gravados individualmente em cada um dos respetivos silhares. Embora para os “traços” horizontais (siglas n.ºs 51 e 67 a 71) não tenhamos encontrado afinidade noutras estruturas de atravessamento com siglas já estudadas, os “traços” verticais revelam-se em tudo semelhantes àqueles identificados por José Sendas na Ponte do Prado (2020, p. 64). A estas marcas o autor atribui uma cronologia posterior e a função de “indicadores” de “posição e/ou fiada, lavradas em estaleiro, por forma a orientar a integração de cada elemento numa dada fiada do arco em (re)construção”. Tendo por base este pressuposto, e atendendo a que estes “traços” verticais se circunscrevem a uma fiada localizada junto ao fecho do arco

(Siglas n.^{os} 48, 49 e 50, fiada 22), não será de descuidar a possibilidade de estarmos em face de marcas que evidenciam um momento ulterior de reparação do arco da ponte, como certamente terá acontecido, designadamente ao longo da Época Moderna, como evidencia a presença de pedras de faceado e textura diversa (Resende, 2014, p. 429).

Finalmente, relativamente à sigla registada no tabuleiro com o número 14, a sua forma remete-nos para grafitos do tipo halteriforme, encontrados, por exemplo, em alguns moinhos de cronologia Moderna (Nunes e Lemos, 2022a, p. 103), pelo que não será de descuidar estarmos em face não de uma sigla de colocação, mas tão-somente de um grafito sem qualquer relação com o momento de edificação da ponte.

5. Considerações finais

A Ponte da Veiga é uma pequena estrutura de atravessamento, datável, presumivelmente, da primeira metade do século XV. Conquanto o seu reduzido tamanho e arquitetura singela, de um só arco em cantaria e ligeiramente quebrado, possam condizer com a sua escassa relevância no contexto da viação medieval regional, entre o final da Idade Média e o período Moderno, ignora, todavia, a relevância histórica da valia cronocultural associada às dezenas de marcas de assentamento gravadas nos seus silhares e, indelevelmente, associadas ao seu primordial momento construtivo. Pese embora o estudo comparativo das siglas de canteiro nos edifícios medievais civis e religiosos da região se encontre, em grande medida, ainda por realizar, inviabilizando, por isso, aproximações a um quadro mais alargado que permita determinar eventuais padrões e estabelecer a existência de “escolas regionais”, como defendeu Leonardo Charréu (1997, p. 136), os dados gliptográficos fornecidos pela Ponte da Veiga constituem um ponto de partida para desafios maiores.

Deste modo, o principal contributo do presente artigo centrou-se no inventário e estudo das dezenas de marcas de canteiro que foram arroladas nos diversos elementos da Ponte da Veiga. No total, os trabalhos permitiram coligir 83 siglas, 72 das quais com detalhe suficiente para autorizar a sua tipificação. Da análise dos dados resultou a distribuição das siglas por sete categorias: angulosiformes, alfabeticiformes, estreliformes, cruciformes, geométriformes, espiraliformes e figuriformes. Sempre que as marcas detetadas não apresentaram forma definível foram enquadradas numa derradeira tipologia: outros.

Foi possível detetar siglas em todos os setores da ponte, embora seja no intradorso que o seu número e diversidade se revela mais notável, com 67 marcas identificadas.

Para além de siglas de canteiro, não será de excluir a possibilidade de algumas marcas presentes na ponte, sobretudo no tabuleiro, porque mais acessível e permanentemente em uso ao longo dos séculos, possam não corresponder a marcas de assentamento, mas antes a meros grafitos, isto é, gravações levadas a cabo por transeuntes com o fito de assinalar, por uma qualquer afinidade cultural, a sua passagem pelo local com uma marca perpetuada na rocha.

Referências bibliográficas

- [S.a.], 1935. *Portugal económico, monumental e artístico. Fascículo LII*. Lisboa: Oficina Fernandes.
- Almeida, A., 1836. Memória médico-histórico-corográfica acerca do abuso de tomar bichas pelo Santiago no Rio Sousa, por António de Almeida, Médico em Penafiel. *ANNAES – Sociedade Literaria Portuense*. pp. 123-139.
- Almeida, C.A.F., 1968. *Vias medievais entre Douro e Minho*. Porto: Faculdade de Letras.
- Almeida, C.A.F., 1978. *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Tomo II. Tese de doutoramento. Universidade do Porto.
- Almeida, C.A.F., 1995. *Patrimonium. Inventário da Terra de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira*. [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos, Lda.
- Alves, D., Pinho, R., e Cardoso, C., 2021. *Jardins com História, Flora e Património dos Solares de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- Bringhurst, R., 2008. *The Elements of Typographic Style: Version 3.2*. Vancouver, BC: Hartley & Marks.
- Capela, J. V., Matos, H., e Borralheiro, R., 2009. *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: J.V.C.
- Charréu, L., 1995. As Siglas dos Canteiros Medievais – Contributo Metodológico e Bibliográfico para o seu Estudo. *Al-madan*, 4, pp. 119-127.
- Charréu, L., 1997. Siglas Medievais de Estremoz: apontamentos de gliptografia medieval portuguesa. *Al-madan*, 6, pp. 132-138.
- Carvalho, J. E. T., 2022. *Arquitetura de Pontes no Tempo dos Filipes em Portugal (1580-1640): construções, reconstruções e reparações. Volume I*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Castro, J. B., 1762. *Mappa de Portugal Antigo e Moderno. Tomo Primeiro. Parte I e II*. Lisboa: Na officina patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- CML – Câmara Municipal de Lousada, 2000. *Empreitada de Restauro e Recuperação da Ponte da Veiga*. pp. 100-120. [processo de obra] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).
- CML – Câmara Municipal de Lousada, 2022. *[Localização da Ponte da Veiga]*. [ortofotomapa] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).
- Costa, A. C., 1706. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro*. Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.
- Costa, J. L., 2021. Cronologia do românico de Lousada. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 13, pp. 38-53.
- Craesbeeck, F. X. S., 1992. *Memórias ressuscitadas da provincia de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726 (Guimarães, Porto, Viana, Barcelos, Braga e Valença). II. Ponte de Lima*: Edições Carvalhos de Basto.
- Gomes, P. e Arruela, M. J., 1996. *Lousada, Terra Prendada*. Paços de Ferreira: Anégia Editores.
- Lanhas, F., 1971. Lousada: Arqueologia. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Vol. 12*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Lemos, P. e Nunes, M., 2013a. Ponte de Espinho (Meinedo, Lousada) Sondagens de avaliação arqueológica. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 6, pp. 183-190.
- Lemos, P. e Nunes, M., 2013b. Notas para a gliptografia da ponte medieval da Veiga. *Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada*, ano 14, 111, pp. 1-4.
- Liddell, H. G. e Scott, R., 1901. *A Greek-English lexicon. 8th ed. rev.* Oxford: Clarendon Press.

Lopes, L. S., 2021. As marcas de identidade dos construtores medievais na Ponte de Vouga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 24, pp. 153-174.

Martim-Romo, T., 1993. Los signos lapidares de los canteros en el Monasterio Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça (Estremadura-Portugal). In: *Actes du VIII Colloque International de Glyptographie d'Hoepertigen Euregio, Centre International de Recherches Glyptographiques, Euregio*. Braine-le-Château: Taille d'Aulme. pp. 123-142.

Martins, A. e Lopes, G., 2007. Gliptografia da Ponte de Lisboa. *Vipasca – Arqueologia e História*, 2, 2.ª série, pp. 665-677.

Município de Lousada, 2011a. Aviso n.º 1746/2012, *Diário da República II Série*, n.º 25 (3 fevereiro), pp. 4363-4377.

Município de Lousada, 2011b. Regulamento n.º 67/2021, *Diário da República II Série*, n.º 12 (19 janeiro), pp. 4363-4377, pp. 305-317.

Nunes, M., Sousa, L., e Gonçalves, C., 2008. *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Nunes, M. e Lemos, P., 2021. Moinhos de Água do Concelho de Lousada: dez anos do Projeto MUNHOS. In: M. Nunes, ed., 2021. *Moinhos de Água, Paisagem, Território e Património*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 134-251.

Nunes, M. e Lemos, P., 2022a. Os Grafitos Molinológicos como objeto de estudo etnoarqueológico: o caso do Moinho da Devesa 1 (Nevogilde, Lousada). *Al-madan*, II série (25), Tomo I, pp. 96-105.

Nunes, M. e Lemos, P., 2022b. Molinological graffiti in Lousada (Portugal): an ethnoarchaeological study. *Academia Letters*, Article 5330, pp. 1-8.

Nunes, M. e Lemos, P., 2022c. O inédito conjunto cerâmico romano da Casa do Rio (Torno, Lousada). Algumas considerações sobre um espólio *ex situ*. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 14, pp. 96-109.

Osório, M., 2014. Sobre as marcas cruciformes do Concelho do Sabugal. In: A. Saraiva e A. Camelo, eds., 2014. *Judeus, Judiarias e Cristãos-novos na Beira Interior*. Guarda: Agência para a Promoção da Guarda. pp. 157-166.

Pinto, M. M., 1992. *Património Arqueológico de Lousada. Plano Diretor Municipal de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal.

Presidência do Conselho de Ministros, 1994. Resolução do Conselho de Ministros 21/94, *Diário da República I Série-B*, n.º 82 (8 abril), pp. 1652-1660.

Resende, N., 2014. Ponte da Veiga: Lousada. In: Rosas, L., coord., 2014. *Rota do Românico. Volume 2*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território. pp. 417-432.

Santos, F., 2023. *[Localização da Ponte da Veiga, freguesia do Torno, concelho de Lousada]*. [imagem] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Sereno, I. e Amaral, P., 1996. Ponte da Veiga. *Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*. [em linha]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4879 [Consult. outubro 2023].

Sendas, J., 2020. *Ad pontem catavi*. Contributo para o estudo da história construtiva da Ponte do Prado. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 12, pp. 44-67.

Silvério, S., 2017. As marcas de canteiro da Sé de Lisboa. In: J. M. Arnaud e A. Martins, eds., 2017. *Arqueologia em Portugal 2017 – estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1513-1521.

Sousa, J. M. C., 1929. Marcas de canteiro. *O Archaeologo Português*, 27, pp. 48-54.

Sousa, L., 2019. Património arqueológico, arquitetónico e etnográfico da Paisagem Protegida do Sousa Superior (Fichas de Inventário). In: M. Nunes e M. Matos, coords., 2019. *Documento técnico de suporte à criação da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior (Anexos)*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 1-223.